

CESARE PAVESE : «SONHOS NO CAMPO»

(Tradução de Rita Ciotta Neves)

Havia manhãs em que acordávamos estranhamente repousados, tão repousados que nos parecia estar cansados. O corpo pesava-nos como pesa no sono. Nos rins e em baixo nas pernas espumava um sangue entorpecido mas vivo. Olhando-nos nas caras, todos nós parecíamos chegar de muito longe. Falávamos do dia, do bom tempo esperado, até quando o céu nas grades estava encoberto pelas nuvens. Mas ninguém ousava dizer que era mesmo aquele torpor e aquele cansaço do céu a fazer-nos entreabrir os olhos de complacência – uma furtiva complacência que nos deixava irresolutos.

Não sei se mais tarde, vagueando entre as barracas, estava lá alguém que contasse ao seu companheiro como tinha passado a noite. Um dia perguntaram: – Tu, que sonhaste? – e só soube responder que tinha dormido como uma criança, sem sonhos.

Éramos como crianças, entre aquelas tristes barracas, e à espera de ficar na fila para a saída habitual, uns agitavam-se a correr procurando qualquer coisa, outros sentavam-se ociosos sobre um caixote ou um degrau. Ociosos éramos todos, mas alguns não queriam mesmo abandonar-se ao torpor. Temiam que, sobressaltados, tivessem que depois voltar a entrar no dia. No entanto aquele torpor estava em nós, e tinha o sabor de uma imensa fadiga, prolongada quem sabe quanto, e quem sabe onde. Parecia-nos, naquele acordar, tropeçar como quem sai dum mar onde nadou até ao fim, deixando cair pesadas na água as pernas extenuadas. Alguma coisa certamente tinha acontecido, durante a noite. Tínhamos sonhado com tanta convicção que agora cada recordação era anulada e só nos ficava no sangue um espanto incrédulo. Assim o zumbido do silêncio faz pensar às vezes num grito, num clamor tão ensurdecedor que nada mais se ouça.

Não tenho vergonha de confessar que tenho medo da escuridão – eu que contudo me aguentei firme naquele campo da desolação, onde o aparecer de um belo dia nos dava pena de tal modo era absurdo. Tínhamos pena de nós mesmos e da escuridão. E quem tem medo da escuridão não é que acredite na existência de prodígios. Simplesmente é alguém que sabe que o seu sangue e o seu pensamento podem tremer em contacto com a noite e espumar maravilhas como um cavalo o suor. Acontecia-nos acordar de manhã, pouco a pouco, sem nenhum abalo, como um barco que se encosta à margem; e descíamos doridos olhando à nossa volta, um pouco surpreendidos, como se aquelas eternas barracas fossem as mesmas, mas os nossos olhos, lavados no preto mar do sono, não as conseguissem logo reconhecer. Quem de nós se sentava, desde o início do dia, olhando para os homens inquietos que se atarefavam sob o céu carregado pelas ruelas do campo, parecia estar a procura daqueles companheiros que com ele tinham vagueado pela noite e com ele tinham enfrentado os sustos, as peripécias dos sonhos sombrios. Ninguém falava daquilo. Bastava sentir enfraquecer em nós a maravilha.

Em vez disso falávamos do dia, e das nossas ocupações habituais. Como naquele campo nada podíamos começar sem a certeza de o

acabar, seguíamos sempre os humores do céu, e na sua serenidade procurávamos ler avidamente a nossa, mas era todos os dias uma desilusão porque as tristes barracas nos mostravam daquilo toda a inutilidade. O sol e o vento exasperavam-nos, como acontece com os doentes. Depois, com o passar da boa estação aprendemos a ficar melancólicos sob o céu mais limpo, e isto quis dizer muito para a nossa paz, porque quem sofria mais entre nós eram os que pareciam mais despreocupados.

Talvez fosse mesmo à noite que nos acontecia experimentar o que de dia escondíamos com tanto cuidado. De noite o nosso corpo voava além da última barraca, além das colinas silenciosas, se ainda no sonho existem barracas e colinas e não antes um campo negro onde as coisas transparecem por luz própria e os terrores as dores as ânsias os reencontros se fundem com o tumulto do sangue que muge no escuro. Os eventos do sono já estavam esquecidos mesmo antes de acontecerem, e daqui nascia talvez a terrível fadiga de trazê-los novamente à luz, de trazer novamente à luz pelo menos aquele sangue e aquele corpo em que se tinham realizado. Talvez, certas noites, quem nos tivesse visto a dormir não nos reconheceria. Uma lâmpada ausente morria na barraca; parecia oscilar, ela mesma cativa do sonho. Nada do que a sua escassa luz lambia, era verdadeiro. Eram verdadeiros os tumultos e os mergulhos do sangue na absurda imobilidade da noite, como se de uma roda que presa num remoinho aparece imóvel. Quem de nós acordava antes da madrugada, ficava atentamente à escuta da noite e, pensando estar fora do mundo, esperava com ânsia a voz rouca das sentinelas.